ANNO 9.º — Sexta-feira, 1 de Setembro de 1916 — (AVENÇA) — NUMERO 437

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR E EDITOR Arnaldo Ribeiro

PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões—Aveiro

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

UM PERIGO NACIONAL

—(*)—

Ainda a faculdade de Direito de Coimbra

Ha uns oito ou nove anos, em plena agonia da *Falperra de manto e corôa*, correu nos jornais uma noticia que a muita gente se afigurou extravagante, quando não irrisoria: nem mais nem menos que um dos coios jesuiticos então existentes em Portugal, não nos lembra se o de S. Fiel, se o de Campolide, se ambos de sociedade, ia estabelecer em Coimbra um grande colegio, que ofereceria alojamento e, logicamente, as indispensaveis missas, comunhões, rezas e prédicas edificantes áquelas dos seus ex-pupilos que tivessem de seguir os cursos universitarios.

Isto é: os jesuitas, enquanto se lhes não oferecia ensejo oportuno para restabelecerem a universidade de Evora, diligenciavam, pelo menos, prolongar o mais possivel o isolamento dos seus educandos, mante-los sequestrados do contacto heretico da vida livre até depois da maioridade legal.

Esta incongruente associação de convento e de universidade, de estudante e monge, chamou sorrisos a muitos labios, que nela viram uma tentativa utopica, infalivelmente votada a pronta liquidação.

Mas os jesuitas, que bem sabiam a obra em que andavam trabalhando e a altura em que ela ia, é que se riram, e com fundada razão, dos que troçavam os seus planos.

Realmente, nos seus coios de ensino secundario tinham cretinizado creaturas em numero mais que suficiente para povoarem o projectado colegio-convento de Coimbra. A atitude da maioria dos alunos da faculdade de Direito coimbrã, vivendo em mais que suspeita fraternidade com os seus catedraticos Fezas, Colaços e Merêas, acatando todas as torpezas dos mesmos e fazendo imbecil ostentação dum espirito monarquico-jesuitico coevo de Torquemada, prova que o bando de Loiola conhecia a justa extensão da sua obra perversa.

A Republica, expulsando a malta sinistra, veio interromper essa obra. Os seus efeitos subsistem, porêm, e agravados, no que toca á faculdade de Direito, pelo trabalho paralelo e, por parte, obra tambem da jesuitada, de converter o corpo docente da mesma faculdade numa falange cerrada de monarquico-clericais.

Deste modo, a quasi seis anos da data da sua implantação, encontra-se a Republica em grande parte devido ao desleixo e á indiferença de quem por estas coisas deveria olhar, em face duma situação que, se não fôsse perigosissima, provocaria o riso, pelo que tem de grotesco.

Na verdade este fenomeno caricato de, numa republica europeia e em pleno seculo XX, existir, num estabelecimento universitario do Estado, uma faculdade que, quer pelo que se refere ao seu corpo discente, quer, o que é mais extraordinario, pelo que diz respeito ao docente, não passa dum fóco de reacção contra todos os ideais de liberdade, roça pelo inconcebivel. Se não fosse a demonstração irrefutavel que da sua possibilidade nos está dando o regimen vigente em Portugal, só em *revista do ano* de arrojada imaginação, ou em opera comica de desgrenhada fantasia, o julgariamos realizavel.

Mas a evidencia não consente duvidas; o estupendo absurdo é uma realidade concreta na universidade de Coimbra. E com a agravante de autenticos conspiradores, de guerrilheiros dos bandos de Paiva Couceiro lá figurarem como professores.

E' tempo e mais que tempo do governo olhar, com olhos de vêr, para *aquilo*. A faculdade de Direito de Coimbra, se até aqui representava um escandalo para o regimen vigente, passou a constituir, depois das ultimas infamias perpetradas pelo seu corpo docente, um escarneo para a Republica.

Antro de retrogrados ideais; caverna de germanofilismo, de jesuitismo e de talassaria, onde os estudantes, independentemente do seu saber, são reprovados em paga de não acatarem reverentemente a sagrada ortodoxia do trono e do altar; quadrilha torpe de Teixeiras de Abreu, Guilhermes Moreira, Colaços, Fezas, Merêas e quejandos, a faculdade de Direito coimbrã, representa, alêm dum escarneo permanente para a Republica, um perigo gravissimo para o progresso nacional e, como tal, precisa de urgentissimo remedio.

Mas de remedio radical e não de meros paliativos, que para nada servirão.

Não lh'o aplicar, e energico, é atraiçoar o regimen. Mais: é comprometê-lo, é cavar fundo a sua ruina.

Basta de complacencias!

Excerto

Duma carta da Africa em que um amigo dá conta a outro das roubalheiras e tudo quanto por lá se pratica:

> Estes senhores *brancos* tem habitos tão inveterados quão prejudiciaes á bôa marcha dos serviços que só um pulso de ferro obrigará a entrar no rêgo.
>
> O que falta por aqui são jornais como o *Democrata*. Era uma acertada medida se o Estado contratasse o Arnaldo Ribeiro com o seu jornal e tudo e o mandasse aqui para Benguela onde a sua falta se faz sentir, principalmente.
>
> O diabo é que ele não se póde dividir e os *patos* e *Bichêsas* não o dispensam...

Quem escreveu estas linhas ignora, de certo, que já estivémos para malhar com os ossos na cadeia por um dia nos insurgirmos contra um *homem politico, politico republicano e republicano democratico*, que, abusando da sua situação, se entregava ao livramento de mancebos do serviço militar pelo processo do *conto do vigario*, na época propria, especie de negocio que lhe rendia a bagatéla de 50$00 por cada lôrpa que a Junta punha fóra, e desconhece que se isso não aconteceu, apezar de preparado, tivémos de pagar uma importante indemnisação ao *escroc*—200 escudos—depois de lhe terem exalçado as virtudes e o govêrno se tornar solidario com ele... para honra da Republica moralisadora que veio substituir a *falperra de manto e corôa!...*

Quer dizer: isto tudo aconteceu-nos na metropole onde o autor da carta supõe naturalmente que acabaram as poucas vergonhas depois que raiou a *nova aurora*, porque se fôsse em Benguela o menos que nos sucedia era enforcarem-nos.

Vad retro...

No Parlamento

Voltaram a dar-se scenas vergonhosas em S. Bento, provocadas agora, dizem, que pelos unionistas cujo obstrucionismo deu logar á interrupção das sessões.

Como traço... de *união sagrada*, é sintomatico.

E aquela de um deputado ir munido dum sarrafo para partir as carteiras? Não acham reles, até por falta de originalidade?

A "Ibo„

Esteve prestes a ser atingida por um torpedo que lhe lançou um submarino alemão esta canhoneira, de nacionalidade portuguêsa, e que sob o comando do 1.º tenente da armada Henrique da Silva, navegava na noite de 22 de agosto a 60 milhas da costa.

O inimigo atacou e... fugiu heroicamente!

Como sempre.

Providencias

Trasladâmos do *Povo de Cambra*:

Um individuo muito bem colocado em Lisboa e que passa por ter muito valôr politico, embora por enquanto nem do seu voto disponha, protege cuidadosamente o partido reaccionario em Macieira de Cambra, com prejuizo dos seus correligionarios!!

Ou o sr. dr. Afonso Costa nos protege contra as ganas do *anfibio* ou abandonamos a politica, porque não queremos entendimentos com os vis reaccionarios, figadais inimigos da Republica, que o nosso correligionario protege.

Sr. Afonso Costa, senhor dictatorio do partido democratico: metam na ordem esse *vulto*; digam-lhe que, ou democratico ou reaccionario...

Pois sim, coléga, é o metes...

Se não fosse dos *encartados*...

JURAMENTO DE BANDEIRA

Efectuou-se no domingo com o cerimonial do costume na parte central do Passeio Publico o acto soléne do juramento de bandeira pelos soldados prontos de infantaria 24, tendo durante ele proferido patrioticas alocuções o digno comandante do regimento, sr. coronel José Domingues Peres e o major sr. Pinto Queimada.

Assistiu a secção masculina do Asilo-Escola e bastantes curiosos.

Fale claro

—(*)—

Um bada... méco qualquer, mostrando a focinheira aos amigos da Vera-Cruz, para lhe agradecerem o serviço e o conhecerem de perto, entendeu azada a ocasião para jogar uma facada, escondendo a mão, a todos os cidadãos que constituem a Junta Geral do distrito e ainda aos que não se bandeiam nem servem de capacho á reles cambada que ha anos para aí tripudia, mantida pélas suas desavergonhadas habilidades e pelo servilismo de quantos, dentro da monarquia como dentro da Republica, estão armados em defensores e amigos daqueles *correligionarios, velhos republicanos e dedicadissimos patriotas*, já do tempo do Marreca!

O bada... méco mostre a faca, a mão e a cara; fale claro; aponte o nome daqueles que, comparados com os da Vera-Cruz, não são republicanos; diga quem meteu a rolha a que alude na boca e de quem; explique qual a coisa que está bicuda e... espere a resposta.

Nada de situações dubias, alusões vagas, referencias veladas!

Aqui falâmos muito claramente e neste caso queremos manter a maxima clareza.

Tem a palavra o bada... méco.

Por causa dum emprego

Prometemos neste numero alguns comentarios ao passado na Junta Geral do Distrito e que veio relatado minuciosamente no *Democrata* de sexta-feira ultima. Estamos, porêm, tão arrependidos desse compromisso que ninguem calcula. E porquê? A razão é simples: porque esses comentarios postos que feitos num legitimo direito de critica que a ninguem damos licença de no-lo tirar, não competem a nós, mas ao publico a quem dêmos conhecimento dos feitos da *sociedade* que quer reduzir á fome uma familia, ao publico julgador, ao publico que hade sentenciar em ultima estancia o pleito em que de um lado se encontra o *adesivo democratico*, ainda com o *rei na barriga*, Barbosa de Magalhães, defendendo o arbitrio, o impudor, a torpêsa e atentando contra as leis da propria humanidade, do outro: uma corporação administrativa, ciosa dos seus direitos, onde a independencia de caracter se não verga á imposições de pretensos caciques, não teme ameaças nem receia as investidas de quem quer que seja, por mais que isso pése áquela especie de republicanos que viram no 5 de Outubro a satisfação dos seus desejos estomacaes, nessa grande data historica, de esperanças e de redempção, um motivo apenas para se governarem, sem respeito pelos principios, que, em nome da Republica, eram invocados nos comicios, nas palestras, nas conferencias e até no Parlamento, sem consideração pela sã doutrina democratica, por tudo, enfim, que diz brio, decôro, decencia e é a base de todas as sociedades bem constituidas.

Sim. E' a ele, ao grande publico, que nos lê, que compete, depois de inteirado, com verdade, dos excessos a que chegaram os caçadores de empregos remunerados, comentar devidamente, emitindo a sua opinião. Nós, quando muito, devemos registá-los. E não é pequeno serviço, se se levar em linha de conta o que toda a gente diz a respeito deste caso, sem precedentes, de um individuo, que se jacta de republicano democratico, ameaçar um corpo administrativo de dissolução, caso se não determine pela sua vontade, não siga os seus conselhos ou tenha pelo seu prestigio a consideração devida a todo o fiel pantomimeiro. Mas abituados a meter a nossa colherada em tudo que cheire a pouca vergonha, tambem esta não passará incolume, já agora.

Pretende-se tirar, á força, o pão a um lar! Pretende-se reduzir á fome uma familia que tem como unico recurso, como unico amparo, o que lhe advem do emprego do chefe na Junta Geral do Distrito! Tanto basta para que sáia em defêsa da vitima o nosso estadulho, que não deixará vingar, sem protésto, essa desumanidade com que um republicano quer atingir as culminancias do seu *grande amor á Repubblica e ao proximo*, visto que á historia já passou como um dos melhores talheres que se sentam á meza do orçamento. Aqui estâmos. Eh! lá, seus comedores! Eh! lá, seus arrangistas, seus republicanos de bôrra—alto!

A moralidade do regimen não consente que vá por deante um atentado da natureza daquele que contra o chefe da secretaria da Junta Geral, legalmente no exer-

Films...

A guerra

Mais duas nações que rompem contra a Alemanha: a Italia e a Romenia.

Dizem os jornaes que é importante e que a força que de aí advem aos aliados dentro em bréve se verá.

Ficamos á espera. E comnosco, certamente, os que desejam que a paz se estabeleça quanto antes para socêgo de todos.

Mas quando será isso?

Em postal

Escrevem-nos de Lourosa da Feira:

> Agradecido pelo n.º 436 do *O Democrata* que fizeram o favor de mandar-me.
>
> Agrada-me a energia e a orientação que esse jornal põe nas suas discussões e nas ideias que defende. Assim é que se é republicano.
>
> Queiram de hoje em diante considerar-me no numero dos seus assinantes e mandar-me *O Democrata*.

E as cavalgaduras a despedirem pinotes sobre pinotes a vêr se nos atingem...

Não que nem sequer a sombra...

Enfim!

O sr. governador civil sempre se resolveu a mandar sindicar as gerencias anteriores a 5 de outubro da Junta de Paroquia da freguezia de Aradas, conforme lhe fôra requerido, devendo, portanto, saber-se, dentro em pouco, coisas mirabolantes passadas na terra das panélas...

Aguardêmos.

Beja da Silva

Por morte de sua sogra, em Vila Franca de Xira, está de luto este nosso presadissimo amigo que, na capital, exerce com a maior competencia as funções de director dos Orfãos da Misericordia.

A Beja da Silva e ex.ma esposa, que muito deve ter sofrido com a perda de sua estremosa mãe, envia o *Democrata* sentidas condolencias, lamentando o triste desenlace que tão fundamente acaba de ferir a ilustre familia.

cicio das suas funções, se intenta levar a cabo! Mais: estâmos convencidos mesmo de que todas as forças humanas, reunidas, serão imputentes pâra desalojar do posto que legitimamente conquistou o sr. Paulo Guimarães, que a esse logar tem direito incontestavel, não só pela sua elevada competencia, mas tambem pelos bons serviços prestados á Junta a quando da sua organisação, serviços que nenhum dos que hoje o pretendem desalojar se quiz dar ao encomodo de ir fazer apezar da sua *muita dedicação* á Republica, do seu acendrado patriotismo e tudo o mais que çostumam invocar quando pensam conseguir alguma posta. E' que, como já explicámos, todos se achavam governados na ocasião e por isso dispensavam as *migalhas*.

Os patriotas, os republicanos, os ultra-radicaes dispensam as *migalhas*...

Pois muito bem: dispensem o que quizérem, mas não venham depois, ostensivamente, empurrar para fóra o seu semelhante, que tem tanto direito á vida como qualquer outro. Chega a ser uma infamia. E acompanhar essa crueldade de vexâmes contra quem se coloca ao lado da Razão e da Justiça, é infamissimo.

Ouviu, sr. Francisco da Encarnação, *muito digno* republicano historico, administrador do concelho de Aveiro com exame de instrução primaria, comissario de policia do distrito, amanuense do govêrno civil, secretário da Estatistica e secretário da comissão distrital do partido democratico?

Ouviu, sr. Barbosa de Magalhães, *ilustre homem publico*, deputado da nação, professor da Universidade de Lisboa, chefe e exministro da Republica?

E' infamissimo!

Suspensão de um padre pensionista

Relatam de Macedo de Cavaleiros:

O bispo de Bragança suspendeu o paroco pensionista desta vila por não querer desistir da pensão.

Logo que aqui houve conhncimento da suspensão o povo amotinou-se, tocaram os sinos a rebate e queriam rasgar a ordem da suspensão, que diziam ser portador dela o abade do Vale Bemfeito.

Como este declarasse que não tinha tal ordem o povo fez-lhe saber que não consentiria aqui outro padre, fosse ele quem fosse, resolução que é inabalavel e geral.

A Junta de Paroquia tomou igual resolução.

Esta comunicação vem inserta nos jornaes diários de Lisboa, e não nos admira que assim suceda desde que o govêrno abandonou completamente ás iras da igreja, aqueles que, acatando as leis da Republica e aceitando o que elas lhe garantiam, estabeleceram, com o seu procedimento, uma época de perseguição furiosa contra as suas proprias pessoas.

O povo, porêm, está completando a lei, protegendo os seus padres bons e dignos, contra as investidas odiosas dos tonsurados maiores, que se chamam bispos.

Este, o que suspendeu o prior de Macedo de Cavaleiros, é o antigo padre Leite de Faria, atual bispo de Bragança, já ha muito dedicado servidor dos jesuitas de quem foi o testa de ferro na magna questão com os varatojanos de Monte Areol, classificando-os na imprensa e em toda a parte de hereticos e modernistas o que resultou serem condenados pela curia romana, e suspenso o seu jornal—*A Voz de Santo Antonio!*

Duas rasões preponderantes levaram os jesuitas pela boca do seu defensor padre Leite de Faria a toda esta campanha: a primeira, foi a defêsa dos varatojanos pela liberdade eleitoral quando os jesuitas prégavam as profundas do inferno para quantos não déssem o voto para o triunfo do famigerado protector da seita Jacinto Candido; a segunda fôra o açambarcamento feito pelos varatojanos a toda a população minhota, que se afastava da acção exploradora dos jesuitas, que assim perdiam a magnifica arrecadação de lã abundante que lhe largavam nas mãos as submissas ovelhas que mansamente se deixavam tosquiar!

E não se acaba com tudo isto de vez!

AFRONTA A UM PRINCIPIO

Ao sr. ministro da guerra reclama-se a igualdade perante a lei

Aos protestos que de toda a parte surgem, baseados na mais justificada razão, no mais indiscutivel direito, vimos juntar os nossos pedindo ao sr. ministro da guerra que, demorando um pouco a sua atenção sobre o que se passa, ordene, para decoro de todos nós, a suspensão imediata á execução do maior crime que, neste distrito e em tantos outros, se pratica, vergonhosa e anti-patrioticamente, com a sancção de quem deveria evita-lo a todo o transe.

Referimo-nos ás licenças que, ás centenas, se estão concedendo no governo civil deste distrito, por ordem do ministerio da guerra, para se ausentarem para o estrangeiro individuos de 16 aos 45 anos e a quantos, sujeitos ás leis militares, depositem 150 escudos!

Por esta quantia ou por falsas alegações de fantasticos interesses a cuidar no estrangeiro, que o pouco escrupulo de várias autoridades sanciona mediante determinada quantia retribuitiva, qualquer cidadão facilmente se esquiva ao sacrificio que, todavia, é exigido e imposto pela lei, a todos os portuguezes, a todos quantos se encontrem dentro das disposições que neste momento essa mesma lei estabelece.

E contudo isto é dolorosamente, vergonhosamente verdadeiro!

A aglomeração de pedidos de passaportes torna-se tão notavel ha tempos a esta parte, que do governo civil deste distrito foi chamada a atenção do ministerio da guerra para aquele facto que estava, sem duvida, estabelecendo uma desegualdade ofensiva de todos os deveres dos cidadãos em igualdade de circunstancias perante a lei e perante a Patria.

A resposta, que se não fez esperar, foi ordenando a supressão absoluta de todas as concessões daquele genero, para o estrangeiro.

Foi de novo por a referida repartição ponderado que se deveria abrir excepção aos que estivessem absolutamente fóra das exigencias da lei, no que não havia inconveniente, pois não deveria, em bôa verdade, ser proíbida a partida a menores de 16 anos e a maiores de 45.

Com espanto geral a resposta foi que se mantivesse a concessão a todos que, em conformidade da lei, apresentassem autorisação dada pelo ministerio da guerra.

Assim teem partido centenas de individuos que, sujeitos ás leis do recrutamento, por estarem rigorosamente dentro da respectiva idade e outros que pelas leis da guerra são abrangidos, deixam nos cofres do Estado 150 escudos ou conseguem que confirmem nas suas petições as falsidades que alegam!

Moderando, com esforço, quanto neste momento caberia aqui dizer, perguntâmos simplesmente—para que se fazem leis e se consignam disposições que se iludem, que se falseiam até mesmo no momento angustioso que atravessâmos, abrindo com autorisação superior excepções vergonhosas, deprimentes e irritantes?

Como se compreende, naturalmente fômos procurar a lei em que tal monstruosidade se baseia ou, melhor, em que baseiam essa monstruosidade, e lêmos o seguinte no decreto n.º 2313 de 4 de abril ultimo:

Art. 14.º—§ 3.º—Aos portuguêses do sexo masculino de mais de 16 e menos de 45 anos, só será passado passaporte quando apresentem documento comprovativo de terem sido julgados definitivamente incapazes de todo o serviço militar, nos termos do decreto n.º 2287 de 20 de março de 1916, ou de ter sido autorisada a sua saída pelo ministerio da guerra, nos termos do decreto n.º 2305 de 30 de março de 1916.

Esta referencia ao decreto de 30 de março que regula as condições para ser autorisada a saida de qualquer pelo ministerio da guerra, fez naturalmente tambem com que delas fossemos conhecer, e assim lêmos o seguinte:

Decreto de 30 de março, n.º 2305:

Art. 1.º—Emquanto durar o estado de guerra não poderá ser concedida licença a nenhum cidadão português com mais de 16 anos e menos de 45, para saír do territorio da Republica e seus dominios para o estrangeiro, a não ser que se tenha reconhecido a sua incapacidade fisica para todo o serviço militar, nos termos do decreto de 20 de março de 1916, em casos excepcionais, quando a concessão da licença se não oponha ao interesse publico.

Crêmos que não póde haver disposições mais claras e terminantes, mas todavia, vão dez, quinze, vinte, cem individuos fugindo ao dever, ao sacrificio que a lei lhes impõe, porque, embora militares deram 150 escudos ou alegaram interesses no estrangeiro, quando é dolorosamente certo que outros ficam acorrentados á lei, porque não conseguiram 150 escudos ou não alegaram com confirmação da autoridade, interesses a tratar em qualquer parte onde não corra perigo a integridade da sua epiderme!

Profundamente desolador, esmagadoramente vergonhoso!

Como complemento elucidativo e edificantissimo, não podemos deixar de reproduzir aqui a seguinte reclamação que nos chega ás mão, expêdida duma vila do norte dests distrito, onde tais vergonhosos proe cessos atingiram a culminancia. Ela diz tudo:

Queixam-se diversos individuos que tendo-lhes o ex.mo ministro da guerra concedido licença para se ausentarem para o estrangeiro, se dirigiram ao governo civil de Aveiro para solicitar o respectivo passaporte, munidos dos competentes documentos. Naquela repartição, porêm, negaram-se a conceder os referidos passaportes, porque, alegam, receberam um telegrama suspendendo a sua passagem a individuos com menos de 45 anos. Mas a verdade é que, comquanto os reclamantes ainda não tenham 45 anos, a sua pretenção foi deferida pelo ex.mo ministro da guerra mediante o deposito ou caução de 150 escudos, exigidos aos individuos sujeitos ao serviço militar, que com os seus documentos, que em tais casos são numerosos, já gastaram mais duma dezena de escudos, além da importancia do deposito ou do encargo que a caução representa para os fiadores. Acontece ainda que nos demais governos civis se concedem passaportes a individuos nas mesmas condições dos reclamantes, e assim não se nos afigura legal que no governo civil de Aveiro ponham embaraços a quem, como os reclamantes, está munido dos documentos necessarios e dinheiro dispendido. Pedimos, por isso, providencias ao ex.mo sr. ministro da guerra.

Como testemunho de toda esta situação, como reflexo verdadeiro da moralidade que tudo isto atingiu, nada ha mais significativo do que as palavras que constituem essa reclamação, que encerra a nota mais intensa e viva, marcando até onde desceu a elevada nobreza desse sentimento que se chama o amor da Patria!

Simplesmente espantoso!

Teatro Aveirense

Bôas recitas são as que vâmos ter para a semana na nossa casa de espectaculos pela companhia do Teatro Nacional de Lisboa.

Uma das peças que sóbe á scena é a celebre tragedia historica de Marcelino Mesquita, *Pedro, o Cruel*, em que o actor Carlos Santos tem um belo e vibrante trabalho. Esta peça será representada entre nós com o mesmo rigor e aparato scenico que em Lisboa, onde deu 50 representações consecutivas. A outra peça será o drama *Amor de Perdição*, que de ha muito se não representa nesta cidade.

A companhia, de que fazem parte os primeiros artistas, vem na sua totalidade.

Os bilhetes já se encontram á venda na *Tabacaria Reis*, aos Arcos.

De Ovar

26 de agosto de 1916

... *Sr. Redactor*

Está aqui um empregado da Repartição de Finanças de Aveiro para averiguar de um acto de indisciplina de um funcionario da Repartição de Finanças de Ovar, chamado Vila-Chã Pinheiro.

Este Vila-Chã é um reaccionario e talassa dos mais ferrenhos; *dengoso, risonho, apilarado*, este Adonis, já com brancas no bigode, tais actos de indisciplina praticou dentro da repartição, que o honesto e zeloso funcionario que interinamente está exercendo o cargo de secretário de finanças se viu obrigado a dar parte para o digno Inspector.

Vila-Chã deu para testemunhas abonatorias da sua pessoa toda a talassaria conspiradora da terra e, tambem, um celebre advogado de *causas perdidas*, personagem mui conhecido pelas suas proêsas quando ha anos tranquibernou com os pinhais da câmara. A classificação deste advogado está no verso de Boileau: *J'appelle un chat et Rolet un fripon.*

As ruas desta vila são percorridas á noite por maltas de vadios engravatados que se dedicam a praticar actos só proprios de negros do sertão. Ha dias foram deitar fogo a uns carros de mato que estavam parados á porta de um lavrador; felizmente evitou-se um grande desastre, porque o lavrador foi avisado quando já o mato estava a ardêr, mas evitou que a casa se incendiasse. Uns verdadeiros bandidos.

Peores do que pretos!

Fez aqui sensação o caso da condessa do Côvo. O masmarro conseguiu apanhar uma boa maquia á custa de pôr a alma da condessa no céu! Era o capelão da casa. A condessa, já no tempo do marido, Gaspar do Côvo, era toda dada a beatices. E é para isto que servem os padres.

Os coios de jesuitismo estão espalhados por todo o país, e bom sería que o governo lhes désse novamente caça. Isto assim não vai bem. Mas eles vão-se governando. O bispo-conde arranjou a quinta da Carregosa á custa da pingadeira da Senhora de Lourdes; lá vão os romeiros deixar, todos os anos, bôas massas que a Senhora não come, nem bebe, nem fuma; logo alguem comerá, beberá e fumará, que, com toda a certeza, não é V. nem quem estas mal alinhavadas linhas escreve.

A'cerca do estado de selvageria desta terra, e dos processos que a reacção está empregando, mesmo nas bochechas da autoridade administrativa, que providencias pretende tomar o sr. governador civil, (representante do governo no distrito? Ou voltaremos ao regimen do falido monarquismo, regimen no qual mandava a reacção, e a lei era prostergada pelos caciques politicos? Oxalá que os seus vaticinios se realisem quanto antes. Assim é que não póde ser; ou então *isto* é uma nacionalidade perdida.

De V., etc.,

Constante leitor

ADESÕES

Outro trecho do ultimo numero de *O Povo de Cambra*:

Transcrevendo a nossa local assim epigrafada o *Democrata*, de Aveiro, teve a honra de nos dizer que enquanto o escalracho da corrução monarquica não fôr incinerado, vai mal por Oliveira e por outros concelhos do distrito.

Respondendo, temos a dizer-lhe que já pensamos ha muito da sua maneira e que, como D. Carlos que Deus haja, temos, quanto á Republica, a mesma opinião que ele tinha ácêrca da monarquia: é uma Republica sem republicanos.

E não admira, porque alguns dos *Reis da Republica* foram os ultimos administradores da defunta.

O país não tomou ainda gosto á Republica, e por isso não sentiu a diferença de regimen, porque de mais a mais tem a pouca sorte de vêr a mesma gente e pouco mais ou menos os mesmos costumes.

Mas não lhe dá para extirpar o escalracho e ele reduz as nossas belezas a tristes palhas. Adere-se e desadere-se na rasão directa das conveniencias, e vê-se nestas evoluções de transcendente politica... medrar o ideal parasitico...

Após a implantação da Republica a imprensa estrangeira referiu-se a nós. *Le Gaulois* escreveu então que o mal de Portugal não resultava dos regimens mas da falta de caracter dos homens.

Estamos tambem desta opinião. Caracter, politico ao menos, não ha: ha vontade de comer e já não é pouco.

Como vê, neste terreno tem de medrar o escalracho, queiram ou não os sincéros republicanos.

E' desgraça, mas...

Mas? Tem de se lhe pôr côbro. Basta para isso que se reunam todas as bôas vontades e comecem desde já, em comum, a obra de saneamento, que consiste, primeiro que tudo, em desmascarar os comedores, os falsos republicanos e aqueles ainda que, embora historicos, se estão revelando autenticos bandalhos, muito peores do que os que existiam no tempo da *ominosa*.

Depois... o coléga calcula o resto. O pais suficientemente esclarecido... dará a ultima de mão... e resurgirá da miséria moral a que o conduziu essa coorte de energumenos que tanto tem comprometido as instituições quasi desde o seu advento.

Junte-se, colega. Venha para nós e... tenha fé.

CAÇA

Acabou ontem o tempo de defêso neste concelho motivo porque já muitos dos nossos caçadores saíram para o campo em demanda das bélas peças com que contam regalar o estomago.

Coelhos e codornizes, pelo menos, ha em abundancia.

FALTA DE PESCA

Devido á agitação do mar só de peixe do rio o mercado se tem abastecido nos ultimos dias, deixando de notar-se, por isso, a abundancia de carapau que ali afluia de todas as costas do litoral.

Infelizes dos pobres que nada lhes corre como eles desejam.

Notas mundanas

Consorciou-se em Oliveira de Azemeis com uma gentil filha do sr. João Lourenço da Silva, o sr. Justino Ferreira dos Santos, conceituado negociante daquela vila.

= Faz hoje anos a sr.ª D. Maria Ludovina Gamelas, que desde segunda-feira se acha a veranear na Costa Nova.

= No dia 6 fa-los egualmente o nosso presado amigo e conterraneo, sr. Francisco Vieira da Costa, atualmente em Loanda, a quem antecipâmos os nossos parabens, desejando que os passe e toda a sua estremosa familia no goso da melhor saude.

= Com sua esposa veio este ano passar alguns dias á Costa Nova, o sr. dr. José Tavares Lebre, conceituado clinico lisbonense.

= Tambem chegaram ultimamente áquela praia os srs. Manuel Sacramento, importante proprietario em Anadia; Luiz Peixinho, desta cidade; Antonio Taveira, idem e Alberto Leal, da Fontinha, todos acompanhados de suas familias.

= Fez ontem anos a sr.ª D. Alda de Melo Cardoso, dedicada esposa do considerado clinico da Mealhada, sr. dr. Eugenio Couceiro.

= A passar a estação calmosa, chegou á sua casa de Arouca o sr. Arnaldo de Brito Portas, digno contador na Guarda.

= Consorciou-se em Aguada de Cima com a sr.ª D. Idalina Fontoura, natural do Rio de Janeiro, o estimado capitalista sr. Albano Gomes de Oliveira, revestindo o acto desusada solenidade.

As nossas felicitações aos nubentes.

= Tem sido muito cumprimentado na sua casa de Pardilhó, onde ha pouco chegou, vindo do Brazil, o sr. Joaquim Maria de Rezende, a quem tambem cumprimentâmos.

= Foi pedida em casamento para o sr. Armando Teles, professor em Loanda, a sr.ª D. Maria dos Prazeres Vieira Namorado, simpatica sobrinha do falecido clinico, dr. Marques de Moura.

= E' ámanhã esperado na Costa Nova, onde passará alguns dias em companhia do nosso director, o ex-comissario de policia deste distrito e atual director dos Orfãos da Misericordia de Lisboa, sr. Beja da Silva.

EXAMES DE CEGOS

Terminaram no dia 25 de agosto, na Escola oficial de Cascais, os exames de instrução primaria do 2.º grau, obtendo todos *distinção*, os seguintes alunos cegos do *Instituto Branco Rodrigues* (Estoril):

Antonio de Oliveira, de 11 anos de idade, de Celorico de Basto; Antonio Galante, de 12 anos, da Orca (Fundão) e Abilio Machado, de Capeludos (Vila Pouca de Aguiar).

Nesta época fizeram tambem exame de instrução primaria, 1.º grau, na mesma Escola, obtendo *distinção*, os seguintes:

Amandio Dias de Abreu, de 11 anos, de Tentugal e José Godinho, de 12 anos, de Santiago de Cacem e ficaram aprovados com a classificação de *bem*, os seguintes: João Lourenço, de 12 anos, de Caparica; Alvaro Simões Duarte, de 12 anos, de Penela e Raimundo do Cacem, de 10 anos, de Santiago de Cacem.

No Liceu Passos Manuel, de Lisboa, fizeram egualmente exames de português, correspondente ao 5.º ano dos liceus, ficando aprovados com alta classificação, os alunos Serafim Joaquim João, de S. Bartolomeu de Messines (14 valores) e Inácio Alexandre Cotreixa, de Panoias (Ourique), que obteve 13 valores.

Obteve *distinção* no exame de francês, correspondente tambem ao 5.º ano dos liceus, o céguinho José Corrêa, de Faro.

No Conservatorio completaram o curso de rudimentos da Escola de Musica, fazendo exame do 2.º e ultimo ano os alunos cegos Adriano de Figueiredo Meleiro, de Penalva do Castelo (14 valores); Carlos da Conceição de Almeida e Silva, de Fernando Pó (14 valores); José de Castro, de Cascais (13 valores); Inácio Alexandre Cotreixa, de Panoias, Ourique (13 valores).

Na Escola de Canto passaram por média no 1.º ano, Serafim Joaquim João, de Messines e Francisco Lopes, de Vizeu.

No Curso Geral de Piano passaram por média e fizeram exame do 2.º ano de piano, obtendo todos 15 valores: Francisco Lopes, de Vizeu; Adriano Figueiredo Meleiro, de Penalva do Castelo e Serafim Joaquim João, de Messines.

Fez exame do 3.º ano deste curso, obtendo distinção (16 valores) o aluno José Corrêa, de Faro.

Concluiu, o Curso Geral de Piano, fazendo dois brilhantes exames do 4.º e 5.º ano, o aluno Joaquim Nunes Pinto, que obteve em ambos 18 valores, distinção.

Ao todo teem sido feitos pelos alunos cegos do *Instituto Branco Rodrigues*, nas Escolas Oficiais, primarias, no Liceu Passos Manuel e no Conservatorio de Lisboa 77 exames, obtendo outras tantas aprovações e 35 distinções.

E' caso para felicitarmos vivamente todos quantos concorrem para estes magnificos resultados na utilissima instituição a seu cargo.

A captação duma herança

Nas garras dum jesuita

O nosso colléga de Oliveira de Azemeis, *O Radical*, que desde que se tornou conhecido o testamento da Condessa do Côvo vem, nas suas colunas, verberando o procedimento do capelão da casa pela maneira como conseguiu abiscoitar-se com o melhor de 300 contos por morte daquela de quem se dizia director espiritual, e a que tambem já aludimos, escreve no seu numero de 23 de Agosto, estas verdades:

Não se extinguiu ainda a indignação suscitada por esse latrocinio a que já fizémos alusão nas colunas deste jornal—a captação, por um padre, da herança da Condessa do Côvo. Não se extinguiu, nem se extinguirá facilmente.

Este caso é daqueles que erguem espontaneamente um côro de maldições, é daqueles que fazem soltar de todos os labios o brado clamoroso—Justiça!

Não; este atentado não póde consumar-se. Seria a mais monstruosa lesão do direito, da justiça e da rasão que póde imaginar-se. São centenas e centenas de contos que o mais negro, o mais vesgo, o mais hipocrita dos vampiros da seita jesuitica arrancou, por processos inconfessaveis, á penuria intelectual, á imbecilidade duma criatura fanatisada até á demencia.

Não, não póde ser. Seria caso para descrêr da justiça do mundo, pelo menos tanto como o procedimento de ladravazes de tal jaez nos leva a descrêr dessa outra justiça que eles mesmos apregôam, com um cinismo, uma impudencia e um descaro revoltantes. Sim, porque não póde conceber-se, ninguem de juizo são poderá acreditar que a Condessa do Côvo, possuidora duma fortuna de centos de contos, se estivesse na posse plena das suas faculdades mentais, se não fôsse uma escrava do seu director espiritual, ao traçar as suas ultimas disposições, não se recordasse de um parente, não tratasse de pôr ao abrigo de contingencias futuras, crianças que ela criou e educou numa posição que agora não poderão manter, não pensasse num estabelecimento de caridade nem tão pouco em qualquer outra instituição humanitaria!

Não, isto não póde admitir-se. E' que esse padre velhaco, pérfido e astuto, sugestionou-a, reduziu-a á impotencia intelectual, levou-a a abdicar da propria personalidade, fez-lhe secar no coração os sentimentos afectivos, apoderou-se da sua vontade, fascinou-a, escravisou-a com o objectivo unico—e por fim atingido—de se apoderar da sua fortuna colossal.

Porventura só rouba aquele que, de bacamarte em punho, nos surge, ao dobrar de uma esquina, a exigir-nos a bolsa ou a vida? Parece-nos que não.

Como hade classificar-se o procedimento daqueles que, fingindo abrir, ás suas vitimas, as portas do céu, com a gazua da fé, exigem em troco do grosseiro embuste, todos os bens da prêsa que lhe caiu nas garras?

Um jesuita chamar-lhe-á, por certo, *renuncia dos bens do mundo*; um jurista, porêm, hade classificá-lo por fórma a colocar os seus autôres sob a alçada do codigo penal.

Seja, porêm, como fôr. O que não póde ser, porque bradará aos céus, é que a justiça dos homens, que por certo terá de intervir, consinta em tal extorsão que, por desmarcada e descarada, só póde encontrar quem a defenda ou apoie entre sequazes da seita negra do jesuitismo ou entre os mais classificados vigaristas do país.

Justiça!

Justiça, sim, colléga; por justiça tambem nós costumamos clamar, mas quasi sempre no deserto. No entretanto insistimos porque é esse o nosso dever. A extorção feita por inconfessaveis processos áqueles a quem de direito pertencem os bens da Condessa do Côvo não pode escapar á acção dos que vêem no padre, no jesuita astucioso e velhaco, o instrumento de quantas patifarias se lembram de praticar em nome de Deus, que tão mal servem, e ainda dos principios da Igreja, que tão pessimamente observam. O caso de que se trata nem por ser a repetição de outros deixa de aparecer com todas as caracteristicas dum autentico crime cuja punição se impõe em nome da moral ofendida pelos baixos sentimentos do mamarro, em nome da razão, em nome da lei, emfim.

Estará disposto o govêrno a fazer valer os direitos dos lesados, obrigando o padre a largar a prêsa que lhe não pertence? Vamos vêr isso. E falaremos muito bréve se caír no esquecimento, como tantas coisas de capital importancia, este duplo crime praticado á sombra da religião de Cristo que, louvado seja, para muito tem servido e ainda serve...

NECROLOGÍA

A's primeiras horas de domingo, deixou de existir em Esgueira, o sr. Manuel Antonio da Silva Castro, pae do nosso amigo sr. João da Silva Castro, presidente da Junta de Paroquia da freguezia.

Era um bom cidadão, estimado por todos e por isso o seu funéral esteve bastante concorrido na tarde do mesmo dia.

A toda a familia enlutada e em especial a seu filho, os nossos sentidos pêsames.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio.

Tauromaquia

Quando qualquer empreza ou colectividade anuncia um espectaculo, naturalmente o publico supõe que estarão previstas todas as hipoteses para que a função não desbanque em manifesta exploração ou indecorosa burla.

Infelizmente, com a tourada de domingo não sucedeu assim e, sem ofensa para ninguem, não podemos deixar de dizer que o *Recreio Artistico* não devia cobrir com o seu nome um espectaculo daquela ordem.

Nunca assistimos a cousa tão pifia e mal organisada. Os protestos do publico foram constantes e mais que justificados.

Sem artistas, e até sem gado, excepção feita a tres garraios que pena foi fossem bandarilhados sem arte nem gosto, espetando-se-lhe farpas como quem espeta palitos numa manteigueira; abrindo o touril antes do sinal do inteligente; ordenando este pêgas sem que os forcados cumprissem, o que fez com que alguns espectadores saltassem á praça para as realisar; o espectaculo não poude ser mais completamente fastidioso e desagradavel, especialmente para o bolso do publico que esperava vêr alguma cousa que justificasse o custo, nada modico, da sua entrada, excepção feita á abundancia de pó que uma pouca de agua na arena teria evitado.

O sr. Salêma Vaz, mais que infeliz, foi desastrado, cometendo erros improprios do seu tirocinio e que noutras condições lhe poderiam custar caros.

Manuel dos Santos, saudado com carinho pelo publico quando saltou á arena, não escondia o seu desapontamento na presença de todo aquele descalabro... com o sêlo a cargo do publico, a quem tão pouco tiveram em conta o seu rico dinheirinho.

Nunca se viu uma coisa assim, pelo que julgamos necessario haver de futuro mais cautela.

Pró Aveiro

Ninguem queira vêr nas nossas palavras censura a quem quer que seja. Não nos anima, nesta hora, tal sentimento, mas faltariamos a um dever que a consciencia nos impõe se não registassemos aqui o que julgamos dever dizer em proveito de todos nós e por o bom nome desta terra, que está apresentando aos olhos de todos, os de casa e os de-fóra, inumeros exemplos que se torna absolutamente necessario impedir por todos os meios.

Em qualquer rua passeiam aves; o campo do Rocio, hoje passeio tão agradavel, é pasto de ovelhas e de burros; em várias ruas e praças, como no Côjo, estão panelas e fogareiros na rua onde qualquer faz o jantar; os cavalos, por ali, passeiam á solta, existindo, ao entrar na viéla, junto da porta de uma taberna do sitio, montões putrefactos de toda a casta de imundicie, criando uma atmosfera nauseabunda e perigosa; carros, bicicletas e até automoveis sem luzes atravessam a cidade a toda a hora; em frente de alguns estabelecimentos amontoam-se, numerosos objectos que dificultam o transito, mórmente nas ruas estreitas, o que patenteia um abandono completo por parte daqueles a quem compete evitar tais anormalidades; racha-se lenha em todas as esquinas e ruas, como sucede na de José Estevam e outras; passam carros com o dobro da lotação e os pobres animais chicoteados selvaticamente; os carros de bois não levam á soga qualquer pessoa, mas sim na retaguarda alguem que se não importa do que possa suceder pela falta de guía ao gado; e, para terminar, os sinos das igrejas são tangidos numa furia doida a toda a hora, 10, 15 e 20 minutos seguidos!

Tantas vezes quantas um dever de amizade nos leva junto do leito de quem uma dura e angustiosa enfermidade nele se conserva e que tem a infelicidade de habitar junto da igreja da Gloria, nós, com saude, saímos de lá atormentados com o badalar constante que baptisados, falecimentos e outras razões determinam, no entender dos que não respeitam a lei e só pensam nos centavos que adveem da estupidez daqueles que se contentam com a duração de repiques e o badalar dos sinos por muito tempo.

Um verdadeiro horror a agravar mais o martirio dos que as contingencias da vida áquela situação levam. Ali estivemos ha dias, cêrca das 12 horas, e tres repiques a seguir foram executados, durando esta barbaridade 17 minutos. Verificámo-lo de relogio na mão.

Tabernas, fócos de vicio e de podridão social, escancaram as portas até ás 2 e 3 da madrugada e ha frequentadores, cuspindo obscenidades e gastando alguns no vinho, aquilo que para o pão da familia no dia seguinte tanto lhes era necessario.

Não existirá aí quem, por dever de oficio e por amor a esta terra, possa olhar, com olhos de vêr, para todo este estendal de abandono e de vergonhas que palidamente apontâmos e ponha cobro a tudo isso, sem perda de tempo?

E não aludimos já ás berratas que os vadios organisam altas horas, por essas ruas, com paragens demoradas em determinados locais, acrescendo as desafinadas tocatas que, durante horas, atormentam quem precisa descançar das fadigas da vida, preparando-se para as que se seguem.

Ora, tudo isto é intoleravel, tornando-se absolutamente preciso que sobre estes casos se exerça uma demorada e benefica fiscalisação.

Haverá quem a ordene e execute?

Os monarquicos e a sua obra

Ex.ᵐᵒ Redactor do jornal *O Democrata*

No penultimo numero do *Democrata* ha uma referencia a um papel monarquico, fundado ha poucos dias por um ex-ministro franquista, Aires de Ornélas. E' preciso que se saiba, com a mais impecavel verdade, o que vale este reaccionario.

Com uma pose de verdadeiro Palafox surgiu em Africa no mês de Março de 1905, a bordo de um paquête alemão, para governador do distrito de Lourenço Marques. No mesmo paquête ia o grão Nababo, João de Azevedo Coutinho, governador geral de Moçambique. Logo de começo os dois galos jogaram as cristas, porque Aires de Ornélas tambem queria mandar.

Um mês depois de ter desembarcado, João Coutinho ordenou ao inspector de fazenda que lhe encaixotasse seis mil libras, (ouro) para levar para a Zambezia, onde ele tinha propriedades. Lá foram as seis mil libras, e, até hoje, não se sabe que destino tivéram.

Havia em Lourenço Marques um empreiteiro, David de Carvalho, que era conhecido pelo titulo pitoresco de *Barão de rapa taboas*. Este barão tinha um predio na *Ponta Vermelha*, defronte da residencia do govêrno geral, e João Coutinho, para desencravar o seu amigo barão, comprou-lhe o predio por *seis mil libras*, dizendo ao ministro, que era o Moreirinha, que o predio era para instalar nele a Secretaría geral. Mas, como o en-

tão secretário geral era todo da catolica e protegido do Senhor dos Navegantes, João Coutinho deu a casa para residencia ao Secretário geral, e mandou transformar as cocheiras e cavalariças de modo a poderem servir para Sécretaria geral, gastando nessas obras *dez contos de reis*, e dando ainda, sem concurso, as obras, por empreitada, ao *barão de rapa taboas!!*

Na residencia do govêrno geral fez João Coutinho obras espaventosas, sem autorisação e orçamentos, gastando mais de *cem contos*, e dando todas as empreitadas ao seu cáro *barão de rapa taboas*. Não se contentando com o cocheiro e trintanario, soldados do corpo de policia, mandou vir da India dois maratas de turbante, gastando centos de libras, para passear recostado no seu trem pelas ruas de Lourenço Marques. Quando a esposa veio para a Europa, em 1906, mandou abonar passagens de primeira classe, por conta do Estado, a duas damas que não tinham a isso direito, mas unicamente para virem servir de *aias* da governadora!!

Mandou arranjar os jardins da residencia, quando o duque de Connaugt visitou Lourenço Marques, e gratificou com *um conto de reis*, um judeu, Cagy, por ter andado a fiscalisar os trabalhos!!

Resumindo: este governador, amigo então de Aires de Ornélas, durante 14 mêses que esteve a governar Moçambique, custou ao Estado 305 contos, assim discriminados, muito por alto:

Vencimento, durante 14 mêses.....	14.000$000
Compra da casa, com luvas e tudo....	30.000$000
Caixote de libras para a Zambezia...	27.000$000
Viajatas e luvas a vários judeus, etc. etc.,..........	30.000$000
Transformação das cocheiras, etc.,..	10.000$000
Viagens em 1.ª classe qué mandou pagar por conta do Estado a damas e cavalheiros que nenhum direito tinham a taes passagens.........	2.000$000
	305.000$000

Não lhe falo no custo de uns moveis antigos que o mesmo governador para ele comprou, com dinheiro do Estado, dando um conto de reis, pelo que não valia 200$000!!

Eis as proêsas do *Nababo* João Coutiuho.

Porque é que estes homens conspiram? Porque lhes faltou a pápa. Se a Republica continuasse a sustentar os vicios e podridões destes homens, eles não seriam contra a Republica.

Ora deixem voltar o Aires de Ornélas para Lourenço Marques, ponham-lhe lá as irmãsinhas da caridade para ele as beneficiar com os dinheiros da nação, aceitem-lhe livrécos como esse que ele publicou—*Raças e Linguas indigenas em Moçambique*—e que é uma salsada que ninguem percebe, e tem homem.

Mas que corja de reaccionarios!!

Que tartufos!!

De v. etc.,

Constante leitor

EPISODIOS RELIGIOSOS

—=(*)=—

Pois minha amiga: até agora tudo tem passado por chalaça mas, estamparem num jornal as scenas tão intimas da meza de pé de galo—isso nunca. Não lhes dou oito dias que eu não saiba quem é o auctor, esse Quim & Necas, esse escrevinhador que sem a menor consideração por certas pessoas da terra, anda para aí a encher colunas sobre colunas. Eu não falo já por mim que fui uma humilde pastorinha. Quem me dera nesse tempo em que de monte em monte ia ás aldeias proximas conduzir o meu rebanho! Mas falarem das meninas *Mesclas* de certas *pessoas* que aí *hão* da *ilustre casa de almocreve*, do *coqueiro* e das tias (sim; que tem que dizer ás tias?) dum pai reumatico, etc., etc.... e dos srs. padres, verdadeiros santos e esteios da nossa religião!!! Não cairá um dia um raio mandado por Deus *sovre* a *caveça* de estes algozes?

Não se exalte—lhe dizia a amiga que até então a tinha ouvido com um certo ar de prioreza. Ha livros que ensinam a advinhar. Eu vou em breve adquirir um e a minha boa amiga não tem mais do que pedir que lhe dispensem a mezinha, convidando a dona, claro, a vir ao chá. Se quizer e não andar de mal póde convidar a visinha que para isto serve.

Então ás nove sem falta.

* * *

Eram nove horas e tudo estava a postos.

Procedeu-se á colocação da meza e distribuição de logares, deixando vazia uma das cadeiras que devia ser tomada pela que ali fazia muita falta, pois era a unica que sabia dizer umas palavras, sem o que a meza não respondia. Não se tratava ali de um *esterlongo* com que certo *menino* se entertem nas horas vagas nem do *Modesto* almofariz em que se pizam os dez réis de murta, alfazêma, mirra, hervas de sete caminhos, terra de tres cemiterios á meia noite, mas unicamente de uma meza de tres pés que levanta facilmonte quando a forçâmos com a biqueira do sapato.

Uma meia hora de espera e a nossa *medium* aparece. Ligeiro cumprimento, pois não havia tempo a perder e eis que começam com aquela devoção que a igreja recomenda.

A primeira pergunta:

— Quem escreve no *Democrata* as *Cartas intimas* e os *Episodios religiosos?*

A meza oscilou, bateu, rebateu e julgo que se atrapalhou, pois as frequentadoras de seis missas, tres novenas e mais devoções ao dia não perceberam a resposta. Mais palestra sobre diferentes mexericos e voltaram a perguntar pelo nome e sinaes do autor.

— Agora—aventou uma—a meza deve responder por letras que nós juntaremos, formando assim o nome desse biltre.

A primeira letra foi um P. Tudo pasmou. Será um padre? Será um *Palma?* Será um principe? Será uma...?

Atenção, dizem do lado, mas não pensem nos *Palmas* que isso tem influencia. A meza continuou indicando um *a*, um *n*, seguido de *c*, *r*, *e*, *a*, *s*. A dona da casa levanta-se em altos berros de ai, ai, acudam. Olha quem havia de ser o autor—o *Pancreas*. Coitada da filha que é tão minha amiga, a *Pancreatnia*.

— Oh, Maria: acuda depressa a casa de um *Palma* que excomungue já o *Pancreas* e familia, que são chocalheiros!...

E tudo acabou com mais tres ais, tal qual os tres beijos que cupido á mãe pediu...

Quim & Necas

CORRESPONDENCIAS

Alquerubim, 29

Reina por aqui o descontentamento por se dizer que vão tropas para a França e que tambem vão para ali ser requisitados operarios e trabalhadores.

= Já se colhe milho novo, mas este cereal ainda continua por um preço elevado.

= Está a banhos na Praia do Farol de Aveiro, a sr.ª D. Adozinda Amador e Pinho, acompanhada de seus filhinhos mais novos: Jaime e Jorge.

= Faleceram nesta freguezia Rosa de Oliveira e uma filha de Manuel Gomes Requeixo, vitimadas por aneurismas.

= A noite passada choveu bastante, o que veio beneficiar a agricultura.

C.

Anuncios